



Recensioni / Reviews

Recensioni di volumi, resoconti e riflessioni su eventi di particolare interesse – tavole rotonde, seminari, convegni e manifestazioni – riferiti all’America Latina

Reginâmio Bonifácio de Lima, *Ao Sol Carta é Farol. A luta pela posse das terras acreanas durante a Ditadura Militar*, Editoras Alta Performance e Edufac, Goiânia/Rio Branco, 2024, pp.707

Quando falamos em Amazônia, o seu significado se estende ao conceito de Pan-Amazônia: um território que abrange sete países latino-americanos, com superfície estimada em 7.000.000 km², incluindo a Amazônia legal, que segundo os dados atualizados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística abrange nove Estados brasileiros, com área aproximada de 4.196.943 km², 49,3% do território nacional. Nesta Amazônia se encontra a região Acre-Purus, o território onde se localiza o Estado do Acre, cuja capital é Rio Branco, cidade onde nasceu e vive Reginâmio Bonifácio de Lima, autor do *Ao sol carta é farol. A luta pela posse das terras acreanas durante a Ditadura Militar* (ebook gratuito em http://www2.ufac.br/editora/livros/2024Aosolcartafarol_vrs.publicar.pdf). Um título que sublinha a ligação arquetípica das cartas e bilhetes, a metáfora da liberdade, com *sol e farol*.

De acordo com Azevedo Francisca Nogueira de Gomes *Ao sol carta é farol é* a metáfora usada por Matildes Demétrio dos Santos para intitular seu livro sobre a correspondência entre Mário de Andrade e outros missivistas, publicado pela editora Annablume (São Paulo, 1998). O título sugere a importância de um olhar apropriado sobre a escrita epistolar, que nos últimos tempos tem sido objeto de interesse de número cada vez maior de historiadores (Ângela de Castro *Escrita de si, escrita da história*, Editora FGV, Rio de Janeiro, 2004).

Quando pensamos na Amazônia, nos ligamos em rede com a sabedoria dos mitos, histórias e mapas antigos, além de suas raízes etnológicas. O nome Amazônia refere-se às índias guerreiras da etnia icamiabas, *as amazonas*, vistas pela primeira vez no século XVI na expedição do espanhol Francisco Orellana que passou pelas margens do rio em Nhamunda. As mulheres indígenas eram associadas às guerreiras amazônicas da mitologia grega, daí o nome do rio Amazonas. Ainda existem mitos desconhecidos, outros continuam a transmitir mensagens, como o mito de criação do povo indígena ticuna do Alto Solimões (AM), onde os irmãos criadores *Ypi* e *Y’oi* passam por aventuras, discutem, brigam entre si no caminho, para chegar ao *Éware* (igarapé), mas nunca se matam. Nesta etnia praticamente não há brigas, eles não se matam, como acontece em outras histórias de irmãos: de Rômulo e Rêmulo, de Caim e Abel... Os gêmeos ticuna chegaram juntos para viver feliz numa cidade mágica.

Com a realidade sofrida de todas as etnias, devido à mineração do garimpo ilegal, ao desmatamento e aos interesses políticos, ontem e hoje, povos indígenas de diferentes etnias conseguiram escolas bilíngues, mas a maioria já perdeu suas tradições... Em seus rituais xamânicos praticado nas periferias das cidades amazonenses, os índios pintam o



corpo com batom em vez de jenipapo (*Genipa americana*) e urucum (*Bixaceae*), usam cigarro em vez do cachimbo sagrado. Os caboclos vivem às margens dos rios, vivendo da pesca, da caça, das plantações de mandioca, extraindo do látex dos seringais desde o século XIX. Grande parte deles saíram da seca da Caatinga do Nordeste do Brasil para viver na selva amazônica, na esperança de ter água e um local para plantar. Durante a Grande Guerra (1942) chegaram mais pessoas advindas do Nordeste para trabalhar como seringueiros, os chamados *soldados da borracha*, como recruta trabalhador, com o objetivo de extrair o látex dos seringais para fazer borracha vegetal para os aliados. São índios, caboclos, negros, descendentes de migrantes, do Nordeste e de outros lugares do Brasil, que seguiram suas vidas. Como nos escreve Reginâmio Bonifácio de Lima, apesar das contradições da História, souberam escrever outra história, de conscientização, de humanidade, feita por cartas e bilhetes de crianças, agentes de pastoral e de bispos.

Na capa que o autor escolheu – a mesma que o *Boletim Informativo Nós Irmãos* (BINI), 13 de março de 1983, p.453) – é apresentada uma moldura de quadro em tom dourado. No centro encontra-se uma plantação de árvores de seringueira (*hévea brasilienses*) com cortes e marcas de sangrias na casca do caule deixado por seringueiros. Os cortes transversais feitos à mão com ‘rapadeiras’ e ‘cabrita’ (ferramentas de metal) formam dois painéis em forma de V, por onde escorre o látex até uma tigela de latão. Em destaque há o desenho de uma seringueira grande, com um seringueiro amarrado com cordas nos braços, inclinado a cabeça sobre o peito e suando, com os pés juntos e marcas de cravos, lembrando a imagem de Jesus Cristo crucificado na cruz (Mt 27, 32 ss, Lc 23, 33ss). A árvore de seringueira é também representada como uma cruz, simbolizando sacrifício e salvação. A simbologia apresentada é impactante e faz conexão direta com a vivência das celebrações litúrgicas anuais da Prelazia que enxerga os seringueiros como crucificados pela exploração e ganância do sistema.

Ao escrever o *Prólogo*, Reginâmio Bonifácio de Lima usa como metáfora a frase do título de sua obra *Ao sol carta é farol* para mostrar a importância das cartas como ferramenta para «trazer à luz notícias, informações e testemunhos através de correspondências que dissipavam as trevas do desconhecido e do não sabido» (p.20) referindo-se às cartas escritas no *Boletim Informativo Nós Irmãos*. As cartas revelam a paisagem daquele momento, uma paisagem de seringueiros, índios, caboclos... crucificados, revelam partes desta história do que realmente está acontecendo, da realidade. Por isso se torna uma imagem de memória, um patrimônio material. Torna-se imagem da própria metáfora, dizendo que gosta de sol, navegando e escrevendo cartas, em constantes reflexões poéticas, descobertas de escritos acadêmicos. Apresenta-se como mais um agente social, que escreve esta obra com a esperança de dias melhores, de «melhores condições de vida para todos os que não desistem de lutar, nem de sonhar» (pp.20 e 23), e que sua obra serve como um farol.

Em *Uma breve introdução à temática* o autor apresenta a base contextual, teórica e metodológica da obra. O contexto em que ocorreram os acontecimentos durante a Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), a valorização de personagens sociais que atuaram como resistência e esperança, as suas vozes escritas no *Boletim Informativo*



Nós Irmãos que funcionaram como informação para as diferentes comunidades rurais e urbanas da Prelazia do Acre-Purus, os objetivos (seis) que definem o conteúdo necessário para responder às questões levantadas pelos seus objetos de estudos. Apresenta, também, a base teórico-metodológica como a identificação de conceitos de pessoas e tipos de gêneros textuais por autores como Pierre Bourdieu, Sergio Costa; com os conceitos de Teologia da Libertação em Clodovis Boff, a pesquisa quantitativa com análise de conteúdo de Roque Moraes e seu significado em Paul-Michel Foucault e outros autores na análise de conjunturas sociais, da história, do campo jornalístico, dos campos científico e religiosos segundo a Estrutura Bourdieu), da Doutrina Social da Igreja Católica; com questões-chave interpretativas sobre a comunicação expressas nas cartas, mostrando endereços, estilos e propósitos; a apresentação sintética do conteúdo de cada um dos oito capítulos, com o corte temporal, o lugar, as pessoas, o contexto e a ênfase do tema proposto.

Abordando *A expansão da fronteira amazônica* de Lima destaca a visão de uma Amazônia além-fronteiras, de forma ampla, como um mapa do Brasil de 1789, referindo-se às «várias Amazônias», da história das migrações, como os escravos negros, das povoações étnico-raciais, das suas relações de conflito e escravidão de milhares de seringueiros que buscavam terra para viver.

O capítulo III, *A Igreja Católica na Amazônia brasileira: novos caminhos*, enfatiza a posição da Igreja Católica, coerente com o Evangelho, a Boa Nova (texto judaico-cristão, Bíblia, Antigo e Novo Testamento) e o ensinamento dos documentos do Concílio Vaticano II (1961-1965), da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e dos autores da Teologia da Libertação. A posição da Igreja Católica, bem como seus pensadores, e agentes, foram coerentes com seus pronunciamentos diante do sistema político que implementou a ilusão de progresso, quando expulsava os camponeses de suas terras. Justamente nestes momentos surgem famílias, crianças, líderes, como dom Moacyr Grechi e Clodovis Boff, e aparecem cartas, boletins e muito mais da Prelazia do Acre Purus.

Com *A comunicação como meio de resistência à ditadura do grande capital* Regi-nâmio Bonifácio de Lima faz uma análise crítica dos meios de comunicação social e do seu papel na resistência. Concentra-se no apoio de autores da área, como Manuel Freixo e Hebe Wey, no perfil dos comunicadores, no contexto turbulento das famílias, sobre o papel da imprensa amazônica e acreana; a imprensa alternativa e imprensa escrita do BINI, distribuição gratuita pela Prelazia do Acre-Purus.

A Análise de conteúdo de comunicações, cartas e categorizações junta-se ao tema do capítulo anterior e enfatiza a investigação dos campos de poder, a maquinaria estrutural da opressão e das estruturas de resistência, a voz dos agentes sociais cuja função (missão) era exigir mudanças no sistema vigente. É analisada a voz destes agentes sociais, o seu conteúdo, folhando cada página, com uma organização de gráficos, tabelas, registrando sua importância de sua mensagem.

As vozes dos agentes sociais nas cartas do Boletim Nós irmãos apresentam as seis categorias de cartas após a análise do conteúdo do BINI, bem como o conteúdo dos bilhetes, valorizando-os em dimensão de história social e regional. Estas cartas foram escritas por bispos, especialmente Dom Giocondo e Dom Moacyr, padres, agentes



sociais, caboclos, mulheres, seringueiros, autoridades civis, crianças e adolescentes, como por exemplo este menino de 11 anos: «Prezados amigos do *Boletim Informativo Nós Irmãos*. É com grande prazer que escrevo a minha primeira carta. (...) Eu tenho 11 anos, vou fazer a 6ª série» (p.370).

No capítulo VII, *O ecoar das vozes dos agentes sociais na Amazônia Sul-Occidental*, o autor discute sobre as representações textuais e pictóricas que influenciaram naquelas vozes as presentes nas cartas e como elas sustentaram um modo de experiência social, e as suas modificações antrópicas no cenário da Amazônia Sul-Occidental. Ele mostra a situação do Acre, seu isolamento no mapa nacional, devido à localização e precariedade da rodovia da BR364 que tem a mobilidade social prejudicada durante o período chuvoso; a inflação e taxas de juros nas décadas de 1970-1980 e em 1985; os impostos, inclusive para as comunidades indígenas, a morte de um dirigente sindical, a manifestação do povo e das entidades eclesíásticas. Com base nesta diversidade de situações, pode-se observar um sincretismo e uma diversidade simbólica na confecção da capa do BINI. Notal são de quatro categorias de capas que revelam a situação e a atitude de seus agentes.

Bonifácio de Lima faz uma análise sociopolítica da ação do Governo Federal sob a bandeira de um projeto de integração nacional, de medidas políticas (PIN, INCRA, PROTERRA, PND) que funcionavam como um projeto colonial, sem diálogo com os habitantes da região, o que causou conflitos sociais entre agricultores, pecuaristas, índios e seringueiros. Realmente faltou uma estratégia do Governo Federal. O BINI buscava uma nova linguagem, com a visão de mundo da Ecoteologia, da Casa comum (Fritjof Capra, Afonso Murad) e da Teologia ecológica da libertação (Leonardo Boff) onde a manutenção da floresta é segura e integral. O autor volta ao roteiro, reafirmando a importância da consciência política nos agentes sociais, da formação de Comunidades Eclesiais de Base que ao longo do tempo criaram sindicatos, valorizaram os mártires da terra, como foi o caso de Wilson Pinheiro, assassinado em 1980.

Durante a vigência do BINI (1975-1985) foram executados 34 projetos agrários. Mesmo depois de 1985, com o fim da ditadura militar e o fim do BINI, da ação dos agentes políticos, das Comunidades Eclesiais de Base, com a criação dos sindicatos centralizados, há uma grande demanda por terra para as populações do Acre.

Enfim, nas *Considerações não finalizantes* o autor vislumbra um novo horizonte para o Acre e Amazônia, de estudos em perspectiva acadêmica, chamando a atenção para a escassez de estudos produzidos sobre o Acre durante período de meio século de golpe cívico-militar. Existem documentos da época de 1960-1980 que ainda não foram pesquisados e esta obra pretende fornecer contextos para não perder a memória de nossa história.

A pesquisa de Bonifácio de Lima procurou responder com perguntas, hipóteses e objetivos claros diante da difícil situação da população acreana, utilizando como mapa a referência as vozes, todos verbetes escritos e desenhados no *Boletim Informativo Nós Irmãos* da Prelazia do Acre-Purus da Igreja Católica (1975-1985). É justamente a divulgação das vozes dos agentes sociais neste boletim disseminados na Amazônia Sul-Occidental que conscientizou a população sobre o autoritarismo do governo federal.

Conforme Reginâmio Bonifácio de Lima, o impacto das vozes dos agentes sociais divulgados por esse boletim é definido como uma experiência única, uma diferença de



consciência, de aliança entre pessoas em torno de um mesmo ideal em toda região Norte do Brasil. Ele vai além de uma visão exótica da flora, da fauna, dos índios selvagens, dos analfabetos do Nordeste. Mas esta liberdade só pode ser alcançada com uma consciência treinada. Precisamos de novos agentes sociais, mulheres, crianças, indígenas, padres, religiosos, bispos, outras confissões religiosas e instituições governamentais, para difundir a verdade e a justiça perene, como o *Boletim Informativo Nós Irmãos*, com divulgação, cartas, bilhetes... Hoje a "luta continua" com outros meios, com WhatsApp, Instagram, e-mails, Facebook, Twitter, *ao Sol é Farol*.

Edison Hüttner
Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

